

A DANÇA E SUA CARACTERÍSTICA SAGRADA

Marta Claus Magalhães

Graduada em Filosofia pela UFSJ – Universidade Federal de São João del -Rei, Pós- graduada em Filosofia Clínica pelo Instituto Packter – Porto Alegre. Especialista em Dança Clássica pela Royal Acad emy of Dancing of London

Resumo: *A dança e sua característica sagrada* pretende mostrar, através de uma abordagem histórica, que a Dança, hoje considerada uma das artes mais complexas, está presente na vida do homem desde os períodos mais remotos e sua origem foi como *ato sagrado*. O trabalho ora apresentado se preocupa em resgatar o valor do movimento do corpo como parte da vida cotidiana do homem e não como se considera na atualidade, uma arte, uma diversão ou mesmo um recurso para manter ou realçar a beleza do corpo. Trata-se de uma abordagem inicial e parcial sobre o tema que nos remete à necessidade de estudos mais aprofundados tanto pelo ponto de vista historiográfico quanto pelo filosófico.

Palavras-chave: Dança, Deuses, Ato Sagrado.

A Dança pode ser considerada como uma arte das mais complexas. Para mapeá-la é preciso que se volte no tempo, visto que os primeiros registros de movimentos do corpo – de expressões corporais – datam de 14.000 anos atrás. Historiadores que tanto se ocuparam com a época pré-histórica, de forma global, deixaram em plano inferior a questão do movimento corporal usado na época. Só no séc XX, época em que a Dança passa a ser pesquisada como uma das mais importantes manifestações do homem em aspectos sociais, religiosos, culturais, entre outros, é que o estudo sobre o tema começou a ser aprofundado, utilizando-se de documentos iconográficos para mapear tanto a sua origem como a sua função.

O homem pré-histórico, da era Paleolítica, era predador. A sua subsistência era mantida através de caça, pesca e coleta. O homem era lançado ao destino e os animais, objetos de sua caça e difíceis de serem vencidos, condicionavam a sua sobrevivência fornecendo o alimento, a pele para sua roupa e os chifres para a manufatura de instrumentos. O homem Paleolítico vivia em função dos animais e, portanto, a sua Dança se referia a eles. Supõem-se através dos registros, ainda em número pouco significativo, que sua Dança era um ato ritual. Figuras encontradas nas paredes de cavernas e grutas, que datam de até 1000 anos, podem representar ancestrais de dançarinos. Um exemplo disso é a figura encontrada na parede da gruta Gabillou na Dordonha, perto de Mussidan, na França.

“A silhueta gravada de um personagem visto de perfil, de cerca de trinta centímetros de altura. A cabeça e o corpo estão cobertos por pele de bisão. As pernas, sem qualquer dúvida humanas, indicam uma espécie de salto no lugar. O ângulo do torso com as pernas é de vinte e cinco a trinta graus”.¹

¹ BOURCIER, Paul. *História da Dança no Ocidente*. In: Opus 86. Marina Appenzeller (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1987. 340 p.

Uma outra figura, na gruta de Trois-Frères, que se encontra próxima a Montesquiou -Avantes, também na França, apesar de se encontrar isolada de outras representações, nos mostra além dos movimentos, vestimentas que nos sugerem o caráter da dança que não difere do caráter *sagrado* que ela tem nos dias de hoje. O sentido de *sagrado* aqui atribuído é o de *consagração*: ato ou efeito de consagrar algo através de uma cerimônia, de um ato cerimonial de *sagração*; logo, a *Dança* leva e eleva os homens a um plano superior a si mesmos. Através de giros em torno de si entram em êxtase e acreditam se comunicar com os espíritos.

Inúmeras outras figuras, em cavernas, objetos de uso diário e *artesanias*, além de documentos da época, nos mostram que a dança no período Paleolítico mostra-se como um ato ritual que coloca quem a executa em estado de transe. Animais, vestimentas especiais e máscaras também faziam parte do ato ritual. A máscara, por sua vez, permanece até meados do século XVIII quando então é substituída pela maquiagem. Contudo, em muitos lugares, como no oriente médio por exemplo, ainda hoje se usam máscaras e maquiagem em danças rituais.

Na Pré-história, em seu período Neolítico, o homem passa de predador a produtor. Aprende a criar animais e a plantar, pensa a partir daí ser dono de seu destino. Começa a se agrupar formando cidades, cada qual com sua divindade protetora e cada grupo com seu próprio ritual, com a sua dança. Mais tarde, com os movimentos migratórios – que se tornam significativos a partir do Séc. V a.C. – o uso dos metais e a cultura vinda de outros povos, o homem modifica seus costumes e parte em busca de um pensamento racional. Com isso, a Dança, antes de caráter ritual, de participação, passa a culto de *relação* e, sem colocar o dançarino em transe, passa de ritual a cerimonial. Esta característica fica bastante evidente quando nos reportamos à Grécia Arcaica, berço do pensamento filosófico e da civilização Ocidental.

É possível mapear de forma satisfatória, embora não exata ou definitiva, as Danças praticadas na cultura grega, pois se fez presente desde sempre. A Dança na cultura grega fazia parte do cotidiano dos homens. Estava nos ritos religiosos, nas cerimônias cívicas, nas festas, fazia parte da educação das crianças, do treinamento militar. Mas teve sua primeira manifestação como ato ritual, cerimonial.

O primeiro filósofo a fazer referência sobre a dança em sua obra foi Platão, mas por um ponto de vista filosófico e não de quem está investigando a história, pois afirma existir a dança de beleza e a dança de figura (*Leis I*). Já o historiador Paul Bourcier, na obra *A História da Dança no Ocidente*, sugere que se deve captar a dinâmica da dança grega, sua elaboração original, sua evolução em função das transformações culturais e do contexto sócio-político e não apenas pelo ponto de vista da beleza e da figura.

Ladeando mais um pouco a origem da dança na Grécia Arcaica ou antiga, pode-se afirmar, segundo as narrativas lendárias dos poetas, que a mesma nasceu em Creta. Consoante Homero², a dança foi ensinada aos mortais pelos deuses para que aqueles os honrassem e os alegrassem; foi

² Poeta grego considerado fundador da poesia épica. Dicionário de Mitologia Greco-Romana. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 93.

em honra ao deus Dionísio³ que apareceram os primeiros grupos de dança e foram compostos os primeiros Ditirambos⁴. As pessoas que participavam dos *Ditirambos* travestiam-se em *Sátiro*, semi-deus representado por um ser meio homem meio animal, que durante o ritual evocava o deus cantando e dançando. Os gregos consideravam a Dança como dom dos imortais e como um meio de comunicação entre os homens e os deuses. Vários autores e filósofos clássicos consideraram que as características dos deuses eram a ordem e o ritmo e que estas eram também características das Danças em seu louvor. Logo, não havia celebração sem Dança, pois esta era o melhor meio de se agradar, honrar e alegrar um deus.

Sócrates, um dos grandes filósofos gregos, através de Platão em *Leis VII*, considerou a Dança como a atividade que formava o cidadão por completo. A Dança daria proporções corretas ao corpo, seria fonte de boa saúde, além de ser ótima maneira de reflexão estética e filosófica, o que a faz ganhar espaço na educação grega. O homem grego não separava o corpo do espírito e acreditava que o equilíbrio entre ambos que lhe trazia o conhecimento e a sabedoria.

A dança, como um ato sagrado, como um rito, era manifestada em lugares definidos como os templos, por exemplo, e também em manifestações específicas em que os sacerdotes a praticavam para invocar o auxílio dos deuses ou para lhes agradecer. Os deuses eram invocados pelas danças nas situações mais diversas como nascimentos, casamentos, mortes, guerras, colheitas e muitos outros. Essas Danças em homenagem aos deuses pouco a pouco foram adquirindo um conjunto de passos, gestos próprios para cada deus a ser invocado e cada situação – o que hoje denominamos *coreografia*.

Mais tarde, com a introdução da busca do pensamento racional, o significado religioso da Dança foi substituído pela *Dança de congregação, de sagração*. Eram praticadas em momentos de importância na vida dos cidadãos, como festas coletivas, ocasiões de guerras em diversas regiões da Ásia e da Europa Oriental. Na Grécia, a Dança de sagração fazia parte do cotidiano, havia as de culto, festas e que geralmente se relacionavam com cultos florais, primaveris, e era praticada por jovens. Um exemplo é a Dança das Ergastinas, jovens que eram encarregadas de fiar a lã para oferecer a Atena. Carregavam enormes cestas com flores e com a lã para fiar. Entre as Danças cotidianas podemos citar a de Banquete. Era realizada por uma bailarina profissional (assim considerada por fazer uso de técnica) e tinha o acompanhamento de tocadores de *aulos* (espécie de flauta doce). As Danças de Banquete eram provocantes e muitas vezes faziam uso de acrobacias. As bailarinas traziam roupas especiais que deixassem à mostra partes pudicas do corpo, como seios, coxas e nádegas.

Algumas das técnicas da Dança dos gregos sobrevive até hoje, uma delas é a meia *ponta* ou *relevé*⁵ absorvido pelo balé de corte e mais tarde pela técnica clássica. Muitos documentos de época

³ Deus do vinho e da embreaguês, da colheita e da fertilidade. Os gregos o consideram como protetor das belas-artes, em particular do teatro, originado nas representações que faziam por ocasião das festas em honra ao deus. Id., *Ibid.*, p. 21.

⁴ Gênero poético grego composto por canto de cunho religioso em honra ao deus Dionísio e que deu origem a tragédia grega.

⁵ Em coreografia é o movimento a partir da posição dos pés rentes ao chão, que permite à dançarina ficar nas pontas (meia ponta para os dançarinos) e retomar sua posição inicial.

podem dar alguma noção sobre a técnica usada pelos gregos. Existem textos de autores clássicos, figuras orquísticas pintadas ou desenhadas em vasos e escritos de comentadores. Esses documentos, quando estudados, podem sugerir que os gregos procuravam uma harmonia, uma simetria, um equilíbrio natural ao usarem a *meia ponta* ou o *relevé*. Os registros e documentos sugerem também não haver movimentos livres, mas de gênero e mímica determinada e com um fim específico. Gestos mimétricos, como os de mãos estendidas horizontalmente ao chão significava tristeza, e alguns nomes de danças como *aletés*, (corrida) e danças que imitavam animais como a *da dança da coruja* (glaux) também aparecem com frequência em documentos da época.

Não nos passa despercebido que nessa época histórica, precedente à Idade Média, havia Dança também entre os Etruscos e os Romanos. Entre os Etruscos só se tem referência sobre a Dança através de representações, pois não há, até hoje, conhecimento de textos escritos. Mas podemos perceber, que recebeu forte influência dos gregos desde o Séc. VII a.C., pelas representações em que aparecem indícios de danças guerreiras, dionisíacas, *de Banquete*, entre outras. Sabe-se que a Dança Etrusca era em tempo rápido, ritmada e acompanhada por *aulos e líras*. As representações, a maioria encontradas em túmulos, mostram gestos específicos de braços e pernas e gestos de quiromonia, ou seja, movimentos harmônicos entre gestos e discursos, na mímica antiga. Entretanto tais representações não são claras quanto ao sentido das Danças, o que até hoje, parece ser uma incógnita.

Entre os Romanos, a Dança parecia ter um sentido mais claro e específico: Reis, República e Império. Do séc. VII ao Séc. VI a.C., época dos Reis, Roma foi dominada pelos Etruscos; assim, as Danças eram de origem agrária. Mas, podemos destacar também as danças guerreiras (costume entre os Salinos) celebradas amplamente durante a primavera, e em honra a Marte, deus da guerra, ou seja, ainda era uma Dança sagrada.

Contudo, desde o início da época da República, a influência dos Helenos predominou em Roma. As origens religiosas da Dança foram esquecidas e a mesma passou a ter um cunho recreativo, colocada em plano inferior, e várias escolas de Dança encerraram suas atividades. Durante a época do Império, a Dança volta à cena triunfante, mas como jogos de circo e atribuída a cortesãs, quando a indecência é repudiada pela Igreja Católica. Assim, nos afastamos da Dança como ato sagrado com intuito de cultuar os deuses e entendemos a sentença de anátema lançada pela Igreja e que será sentida durante quase toda a Idade Média.

Referências bibliográficas:

- BOURCIER, Paul. *História da Dança no Ocidente*. In: Opus 86. Marina Appenzeller (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1987. 340 p.
- CHAUÍ, Marilena. *Introdução à História da Filosofia. Vol I*. São Paulo: Brasiliensae. 1 ed. 1994. 390 p.
- Dicionário de Mitologia Greco-Romana*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 93.
- FARO, Antonio José. *Pequena História da Dança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986. 150 p.
- MICHAUT, Pierre. *História do Ballet*. In: Coleção "Saber Atual". Maria Manuela Gouveia Antunes (Trad.). São Paulo: Difusão Européia do Livro. 128 p.